

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**DENISE RIBEIRO KUNTZ**

**UM GENTIO E TRÊS SÁBIOS: AS POSSIBILIDADES E LIMITES DE UM  
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA OBRA DE RAIMUNDO LÚLIO (1232-1316)**

**CURITIBA**

**2013**

**DENISE RIBEIRO KUNTZ**

**UM GENTIO E TRÊS SÁBIOS: AS POSSIBILIDADES E LIMITES DE UM  
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA OBRA DE RAIMUNDO LÚLIO (1232-1316)**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcella Lopes Guimarães.

**CURITIBA  
2013**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, pelo sentido da vida e pelo direcionamento nos momentos de dificuldade. Obrigada por estar sempre ao meu lado.

A meus pais, Edison e Claudia, por todo o apoio material e emocional. Obrigada por terem sido meus primeiros professores.

À minha irmã, Estela, pela amizade e carinho, e por todas as conversas noturnas motivacionais.

A todos os professores que participaram de forma tão determinante em minha formação. Em primeiro lugar, agradeço à professora Marcella, pela orientação e suporte para esse trabalho, além do exemplo de professora. Ao professor Renan, por todos os incentivos. À professora Fátima, pelos valiosos ensinamentos. Aos professores que contribuíram de maneira tão especial durante toda a graduação: Marta Hameister, Andrea Doré, Ana Paula Martins, Sergio Nadalin, Joseli Mendonça, Ronei Mocellin, Ana Maria Liblik e Maria Auxiliadora Schmidt.

Um agradecimento especial ao Thiago Stadler, pelos conselhos e pela motivação em momentos de confusão acadêmica. Também à Elaine Senko, pela preocupação e incentivo.

Aos meus amigos na faculdade: Andréia, por todos os incríveis momentos juntas; Fabiano, pelo companheirismo e amizade sincera; Luana, pela presença e apoio tão importantes.

Aos meus outros amigos: Maria Claudia, André, David, Letícia e Paulo. Obrigada pela força e por poder contar sempre com vocês.

## RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as possibilidades e os limites da presença de um diálogo inter-religioso na obra de Raimundo Lúlio (1232-1316), *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, escrito entre 1274-1276. Fez-se necessário, para tanto, estabelecer inicialmente o contexto geral da Península Ibérica medieval, palco dos mais diversos tipos de contato entre cristãos, muçulmanos e judeus. Essas relações foram marcadas por situações de conflito e violência, mas também por momentos de tolerância e diálogo. A conjuntura peninsular, especialmente a do século XIII, influenciou grandemente o pensamento e as composições de Raimundo Lúlio. Nesse sentido, conhecer a vida e o contexto específico de Lúlio também é fundamental para a análise de sua obra; por isso, foi feita uma investigação nesse sentido. Por fim, buscou-se uma análise profunda do *Livro do Gentio* para perceber as estratégias utilizadas Lúlio para buscar a conversão dos “infiéis”. Dentre essas estratégias, o uso do diálogo pode ser citado, mas precisa ser problematizado e abordado em suas especificidades. O diálogo luliano é próprio de seu autor e de seu contexto, tendo permanecido num plano basicamente teórico, apesar de ter sido buscado de maneira apaixonada por seu idealizador.

Palavras-chave: Raimundo Lúlio; Península Ibérica; diálogo inter-religioso.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1. PENÍNSULA IBÉRIA: ENCRUZILHADA CULTURAL .....</b>	<b>9</b>
1.1 O surgimento do Islã e sua relação com os “Povos do Livro”	9
1.2 A conquista muçulmana da Península Ibérica e a contrapartida cristã	11
1.3 Contatos entre cristãos e muçulmanos: tolerância e possibilidades de um diálogo inter-religioso	13
<b>2. RAIMUNDO LÚLIO .....</b>	<b>18</b>
2.1 Vida e contexto	18
2.2 A <i>Arte</i> de Lúlio	21
<b>3. O LIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS .....</b>	<b>26</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo da História, nas mais diversas culturas e localidades, em diferentes temporalidades e contextos, pode-se perceber a incidência de diversos conflitos de motivação (ou justificativa) religiosa. Durante a Idade Média, assim como nos dias atuais, eles foram recorrentes. Um exemplo clássico é a oposição e enfrentamento entre Cristandade e Islã, que transcende limites temporais. Esse antagonismo é fortemente marcado pela incompreensão, de ambas as partes: o conhecimento que uma religião tem da outra é, ainda hoje, bastante fraco. O modo extremamente preconceituoso como os muçulmanos são atualmente tratados, de forma geral, pela cultura ocidental, elucida essa questão. As estigmatizações feitas acerca dos seguidores da religião islâmica são discutidas na obra clássica de Edward Said, *Orientalismo*<sup>1</sup>. Diversos debates e problematizações têm sido levantados no meio historiográfico e acadêmico, visando uma reflexão a respeito desses assuntos. Busca-se, dentre outras coisas, encontrar no passado circunstâncias nas quais houve diálogo entre membros de diferentes religiões para demonstrar essa possibilidade, mesmo diante de um cenário conflituoso.

O contexto específico abordado no presente trabalho é o da Península Ibérica medieval, que durante muitos séculos acolheu em seu território membros das religiões cristã e islâmica. Desde a invasão dos muçulmanos em 711, até sua completa expulsão em 1492, as terras ibéricas foram palco de diversos conflitos, muitos envolvendo a luta armada, entre os cristãos e os seguidores de Maomé. No entanto, apesar das hostilidades, houve diversos momentos nos quais as comunidades de distintas orientações religiosas conviveram pacificamente e praticaram a tolerância para com seus diferentes. As trocas culturais entre judeus, cristãos e muçulmanos foram um traço característico do período e marcaram a cultura ibérica de maneira peculiar e permanente. Em algumas ocasiões, ainda que raras, pode-se até mesmo dizer que houve, nessa localidade, um diálogo inter-religioso.

Um autor amplamente citado como exemplo de protagonista do diálogo entre diferentes religiões é Raimundo Lúlio. O filósofo catalão nasceu e viveu por muitos anos na Ilha de Maiorca, local fronteiro entre a Cristandade e o Islã, no qual judeus

---

<sup>1</sup> SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

e muçulmanos constituíram seu paradigma de “infiel”<sup>2</sup>. Lúlio viveu em um momento no qual os reinos cristãos da Península levavam a cabo o projeto de tomada dos territórios sob domínio muçulmano, movimento que ficou amplamente conhecido como guerra de Reconquista. Sua própria terra natal tinha sido tomada à força aos muçulmanos pelo rei Jaime I de Aragão alguns anos antes de seu nascimento. É de se admirar, portanto, que Lúlio seja considerado um “expoente do diálogo inter-religioso”, tendo vivido em um momento de tantas tensões. Uma afirmação como essa tem seu grau de procedência, mas precisa ser problematizada.

Dentre suas muitas obras, uma é excepcionalmente emblemática nesse sentido: *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, composto entre 1274 e 1276, apresenta um sábio judeu, um cristão e um muçulmano convivendo e disputando pacificamente acerca de suas crenças, com o objetivo de converter um gentio aflito com pensamentos acerca da morte e que não cria em Deus e nem na ressurreição. Depois de os sábios, em conjunto, terem demonstrado ao gentio a existência de Deus e da vida eterna, iniciam uma exposição, cada um a seu tempo, de suas crenças, para que o gentio pudesse escolher a verdadeira entre elas. Lúlio, no entanto, não deixa clara qual escolha ele fez ao final da história. Por esse e outros motivos, essa obra é considerada muito peculiar, até mesmo em relação a outros escritos do filósofo maiorquino.

É objetivo do presente trabalho, buscar uma percepção mais profunda acerca do *Livro do Gentio e dos Três Sábios*, procurando perceber as possibilidades e limites de um diálogo inter-religioso nesta obra. Para tanto, foi necessário buscar o contexto geral do período no qual foi produzida, além de informações específicas sobre a vida de seu autor.

No primeiro capítulo serão abordadas questões contextuais ligadas à realidade da Península Ibérica no período medieval. O que se pretende destacar é a relação entre cristãos, muçulmanos, e de certa forma também os judeus, na encruzilhada cultural que o território peninsular se tornou principalmente após 711. Nesse sentido, consideramos importante discorrer, ainda que de forma breve, sobre os primórdios da história do Islã, desde as primeiras revelações de Maomé até as expansões territoriais dos árabes e consequentemente de sua religião. Inserida

---

<sup>2</sup> COSTA, Ricardo da; LEMOS, Tatyana Nunes. “Com ferro, fogo e argumentação”: *Cruzada, conversão e a Teoria dos dois Gládios* na filosofia de Ramon Llull. In.: BLASCO VALLÈS, Almudena; COSTA, Ricardo da. **Mirabilia**, nº 10, 2010, *passim*.

nesse contexto expansionista do Islã, a conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos representou uma reviravolta para os habitantes dessa região e uma reorientação desse território, que passou a integrar o *dar al-Islam* (a Casa do Islã) e a fazer parte de uma realidade política, administrativa, econômica, social e, sobretudo, religiosa, absolutamente diversa daquela vigente anteriormente a esses eventos. É importante, nesse ínterim, apontar para a contrapartida cristã a essa dominação islâmica, que resultou no supracitado movimento de Reconquista cristã.

Ainda no primeiro capítulo, coube ressaltar, a partir do contato entre cristãos e muçulmanos, o papel da tolerância e as possibilidades de um diálogo inter-religioso. Acreditamos ser necessária uma diferenciação entre os termos “tolerância” e “diálogo”, que definitivamente não devem ser confundidos. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão das relações entre as diferentes religiões na Península Ibérica.

O segundo capítulo contém dados biográficos e contextuais de Raimundo Lúlio, que nasceu em 1232 e morreu em 1316. Refletir sobre a vida do autor do *Livro do Gentio e dos Três Sábios* é imprescindível para uma análise significativa dessa composição. A trajetória de Lúlio é extremamente dinâmica, o que o faz ser reputado como um homem original para seu tempo. Essa originalidade abrange, inclusive, seus métodos. O maiorquino criou um sistema próprio de argumentação que visa o conhecimento do real: é a chamada *Arte*, ou *Ars Iuliana*. Através desse mecanismo, Lúlio buscará encontrar a verdade e estabelecer meios pelos quais os “infiéis” possam percebê-la. Um de seus maiores objetivos de vida, a propósito, era a conversão à verdade da fé católica de todos aqueles que professavam outras crenças, especialmente os muçulmanos. A partir desse objetivo e método tão peculiar é que o *Livro do Gentio* será idealizado e composto.

Por fim, o terceiro capítulo consiste num exame específico da obra de Lúlio, cujo propósito é perceber até que ponto esse livro pode ser tomado como um exemplo de diálogo inter-religioso. Diversas questões podem ser levantadas a partir desse intento, referentes às estratégias e intenções do filósofo catalão. O objetivo principal é fugir das generalizações e afirmações desprovidas de análise crítica que são feitas sobre *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, caracterizando-o como um perfeito diálogo inter-religioso que visava a união das três religiões, sem levar em conta o caráter fortemente apologético dessa obra.



## 1. PENÍNSULA IBÉRIA: ENCRUZILHADA CULTURAL

A Península Ibérica medieval, considerada no contexto da Cristandade Latina, possui diversas particularidades que marcam sua história. Todavia, o elemento de identidade peninsular por excelência é sem dúvida o fato de terem convivido durante muitos séculos as tradições cristã, judaica e muçulmana num mesmo território. A herança greco-latina e os traços culturais judeus e islâmicos imbricam-se, marcando a cultura ibérica com um selo peculiar.

Neste trabalho serão abordadas mais especificamente as relações entre as tradições cristã e muçulmana, que desde seus primeiros contatos até os dias atuais estiveram envolvidas em situações de conflito, mas também de convívio e de diálogo. A Península Ibérica, durante o período medieval, foi um espaço que proporcionou essa convivência, de forma a possibilitar diversos exemplos de ocorrências conflituosas, bem como circunstâncias de tolerância.

Para uma compreensão mais abrangente da relação entre cristãos e muçulmanos no território peninsular, é importante apresentar, inicialmente, ainda que de forma sintética, a maneira pela qual se deu o surgimento e a subsequente expansão territorial admirável da religião maometana.

### 1.1 O surgimento do Islã e sua relação com os “Povos do Livro”

A data de 610 d.C, um marco na história do Islamismo, foi o ano no qual o mercador Muhammad Ibn Abdallah, nascido na cidade de Meca em 570, teria recebido do anjo Gabriel, como transmitiu à família e aos amigos próximos, a revelação de que Deus o havia chamado para ser seu último profeta e mensageiro. Dois anos após a experiência, em 612, sentiu-se habilitado a pregar e começou a angariar gradualmente novos convertidos para sua fé. De acordo com Karen Armstrong, “a mensagem de Maomé era simples. Ele não ensinava aos árabes nenhuma doutrina nova a respeito de Deus (...) Maomé não achou que estava fundando uma religião nova, mas que estava apenas levando a velha fé no Deus único para os árabes, que nunca tiveram um profeta”<sup>3</sup>. Quaisquer que tenham sido

---

<sup>3</sup> ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. São Paulo: Objetiva, 2001, pp. 42-43.

as intenções do Profeta, o fato é que, a partir de seus ensinamentos, uma religião bastante diferente surge: o Islã. Derivado da palavra árabe que significa “submissão”, neste caso a Deus, teve seus preceitos e doutrinas escritos num novo livro sagrado: o Corão <sup>4</sup>.

As revelações de Maomé foram consideradas complementares àquelas anteriormente feitas aos profetas e mensageiros de Deus provindos das religiões judaica e cristã <sup>5</sup>. O Islã compartilha com essas duas tradições, personagens, histórias e princípios, como, por exemplo, a crença na existência de um único Deus: Alá. De acordo com Peter Demant, o Islã implica ao mesmo tempo numa continuidade e numa ruptura <sup>6</sup>. As continuidades se exprimem nas crenças paralelas e no resgate da tradição judaico-cristã, da qual os muçulmanos se consideram os sucessores. “A moral islâmica não está longe da moral judaico-cristã” <sup>7</sup>. Existem diversas descontinuidades, no entanto. Um exemplo é o fato de o Islã abranger todas as esferas da vida dos indivíduos, confundindo-se com o sistema jurídico, com a política, com aspectos culturais, familiares e econômicos, etc.

Maomé viveu o suficiente para ver unidas à comunidade muçulmana quase todas as tribos da Arábia que, depois de um longo período de guerras e conflitos no qual estiveram envolvidas, puderam experimentar momentos de paz. Os califas, sucessores do Profeta, deram continuidade aos seus esforços e o Islã experimentou uma expansão territorial de grandes proporções. Em algumas décadas foram conquistados o Oriente Médio e várias partes do Norte de África. Apesar de, inicialmente, os objetivos dessa expansão não terem sido religiosos, mas sim pragmáticos (motivados, sobretudo, pela pilhagem, que era uma atividade essencial para as comunidades árabes), o Islã acabou se impondo como a religião dos conquistadores.

No contato com outros povos, os muçulmanos tiveram de lidar com diferentes religiosidades. O tratamento dispensado àqueles que praticavam o politeísmo foi sempre mais agressivo: poderiam optar entre a conversão ou a morte. O Islã não tolerava a adoração a outros deuses. Todavia, a sua relação com judeus e cristãos era diferente. Por se tratarem de religiões monoteístas e que seguiam um

---

<sup>4</sup> Da palavra árabe *quran*, que quer dizer “recitação”.

<sup>5</sup> HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. *Passim*.

<sup>6</sup> DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2011. *Passim*.

<sup>7</sup> Ibid, p.34.

livro sagrado, além das outras proximidades doutrinárias com o Islã, o Judaísmo e o Cristianismo deveriam ser respeitados e tolerados. De acordo com Armstrong:

Maomé (...) nunca pediu a judeus ou cristãos que aceitassem o Islã, a menos que, particularmente, assim o desejassem, porque eles tinham recebido revelações próprias que eram perfeitamente válidas. O Corão insiste firmemente em que “não haverá coerção em matéria de fé”, e manda que os muçulmanos respeitem as crenças de judeus e cristãos, a quem o Corão chama de *ahl al-kitab*, frase em geral traduzida como “Povo do Livro” (...).<sup>8</sup>

Esses Povos do Livro não foram forçados a se converter ao Islã e tornaram-se *dhimmis*, os “súditos protegidos”. Eles não poderiam sofrer qualquer ataque e pagavam um imposto em troca de proteção militar e de liberdade para professarem sua fé<sup>9</sup>. À medida que mais territórios iam sendo conquistados pelos muçulmanos, mais esses contatos inter-religiosos ocorriam, e em alguns espaços eles se deram de maneira bastante singular, como é o caso da Península Ibérica.

## 1.2 A conquista muçulmana da Península Ibérica e a contrapartida cristã

O limite da expansão ocidental do Islã foi a Península Ibérica. Em 711, cerca de cem anos após as primeiras revelações de Maomé, os muçulmanos invadiram o território peninsular, empreendendo uma conquista rápida, que estaria praticamente finalizada por volta de 720. Essa foi mais uma fase de um longo processo de expansão árabe que vinha ocorrendo, antecedida pela conquista do Norte de África<sup>10</sup>. Aproveitando-se da instabilidade dos reinos visigodos, árabes e berberes se apoderaram de praticamente toda a Península, restando apenas alguns territórios ao norte que não caíram sob seu domínio. As duras condições de alguns dos setores populares, como os camponeses e mesmo os judeus, geravam um grande descontentamento e foi o motivo pelo qual muitos teriam recebido os muçulmanos de “braços abertos”, como verdadeiros “libertadores”<sup>11</sup>. Apesar de ter recebido o direito de continuar a professar sua religião, uma grande parte da população peninsular, especialmente os mais humildes, converteu-se ao Islã, se livrando,

<sup>8</sup> ARMSTRONG, K. Op. cit. p. 49.

<sup>9</sup> Ibid, *passim*.

<sup>10</sup> WATT, William Montgomery. **Historia de la España Islámica**. Madrid: Alianza Editorial, 1984. *Passim*.

<sup>11</sup> Ibid. *passim*.

assim, do pagamento de impostos e passando a gozar dos mesmos privilégios que os muçulmanos. De acordo com Richard Fletcher, “o desenvolvimento de uma sociedade islâmica na Espanha ocorreu, como é óbvio, pela conversão de grande número de pessoas ao Islã” <sup>12</sup>.

Houve, portanto, uma reorientação do território peninsular, que passou a integrar “a formação mais vasta do mundo muçulmano” <sup>13</sup>, o *dar al-Islam* (a Casa do Islã). Al-andaluz foi como essa região ficou conhecida. Gradualmente uma sociedade distintamente islâmica foi surgindo, e ao longo dos quase oito séculos que os muçulmanos permaneceram na Península Ibérica, sua cultura floresceu, influenciando intelectual e materialmente os povos com os quais tiveram contato. Sobre os intercâmbios culturais, Aline Dias da Silveira afirma:

(...) a migração e as trocas culturais na Península Ibérica foram tão intensas (entre iberos, romanos, visigodos, judeus, muçulmanos africanos, muçulmanos ibéricos, moçárabes, mudéjares e cristãos de outras partes) que a categorização e a identificação de elementos culturais próprios de uma determinada cultura dificilmente poderiam ser absolutas. <sup>14</sup>

A despeito dos contatos interculturais, as situações de conflito entre essas diferentes culturas também foi algo frequente. Como mencionado, os muçulmanos não chegaram a dominar a Península completamente: depararam-se com a barreira geológica das Astúrias e não conseguiram ou não se empenharam muito em tomar o controle dessa região. Dessa localidade, o último refúgio dos governantes cristãos ibéricos, surgirá um movimento que objetivava a recuperação dos territórios perdidos. Astures, cântaros e vascões, colocando-se como herdeiros dos visigodos no intuito de legitimarem seus projetos, encabeçaram o processo de reação à dominação muçulmana: o movimento belicoso que mais tarde ficaria conhecido como Reconquista cristã.

As guerras contra os muçulmanos foram um dos principais elementos de formação e consolidação dos reinos ibéricos e de suas identidades. Esse movimento ocorreu de maneira efetiva basicamente entre os séculos X e XIII, nos quais houve também momentos de longas tréguas. Somente no século XI esse processo

<sup>12</sup> FLETCHER, Richard. **Em busca de El Cid**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 28.

<sup>13</sup> ANDRADE FILHO, Ruy. **Os muçulmanos na Península Ibérica**. São Paulo: Contexto, 1989, p.11.

<sup>14</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. “Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X”. In.: FERNANDES, Fátima Regina (coord.). **Identidades e Fronteiras no Medieval Ibérico**. Curitiba: Juruá, 2013, p.137.

chamado de Reconquista viu o elemento religioso se consolidar definitivamente nos ideais do guerreiro cristão <sup>15</sup>.

É interessante ressaltar a relação dessa contrapartida cristã com as Cruzadas, definidas por Fátima Regina Fernandes como “um movimento gerado no Ocidente que resultou num longo enfrentamento militar desenrolado nos limites da Cristandade, especialmente nas regiões da Síria e Palestina (...) e na Península Ibérica” <sup>16</sup>, motivado, entre outras razões, pela necessidade interna de expansão das fronteiras da Cristandade. Enquanto as conquistas territoriais na Síria e Palestina foram efêmeras, na Península Ibérica os resultados desse movimento foram perenes<sup>17</sup>. De acordo com Guilherme Queiroz de Souza, “os reinos cristãos ibéricos, nascidos e consolidados durante a guerra contra o invasor islâmico, eram regiões da Europa cristã onde o ideal de cruzada estava mais enraizado no pensamento de seus combatentes” <sup>18</sup>.

Tantos séculos de guerras, tréguas, negociações, etc., proporcionaram diversos momentos de contato intenso entre cristãos e muçulmanos. De acordo com as circunstâncias de cada período, esses contatos se deram de forma violenta ou tolerante. É importante ter em mente que ambas as realidades, tanto de conflito quanto de coexistência pacífica, foram possíveis nesse contexto.

### 1.3 Contatos entre cristãos e muçulmanos: tolerância e possibilidades de um diálogo inter-religioso

Para Franco Cardini, a conquista muçulmana da Península Ibérica teria postulado fronteiras móveis e uma rigorosa alteridade entre a “Europa” e o *dar al-Islam* <sup>19</sup>. De acordo com esse autor:

<sup>15</sup> SOUZA, Guilherme Queiroz de. Da Reconquista Hispânica à Conquista do Novo Mundo: uma análise do espírito cruzadístico ibérico na *crux cismarina* e na *crux ultramarina*. In.: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 10, JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGO E MEDIEVAIS, 2, 2011, Maringá. **Anais da Jornada de Estudos Medievais**. Maringá: UEM, 2011, pp. 1-16.

<sup>16</sup> FERNANDES, Fátima Regina. “Cruzadas na Idade Média”. In.: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 99.

<sup>17</sup> Ibid. *Passim*.

<sup>18</sup> SOUZA, Guilherme Queiroz de. Op. cit. p. 3.

<sup>19</sup> CARDINI, Franco. Nas raízes do encontro-desencontro entre Europa e Islã: um profeta e três continentes. **Signum**, nº 3, 2001, pp. 37-59, *passim*.

Que a Europa fosse a sede por excelência, senão exclusiva, da Cristandade, é profundamente errado, mas era o que pensavam os autores medievais. E com isso enraizou-se a ideia de que quem não fosse cristão e estivesse morando em território europeu, aí estava instalado como estrangeiro ou invasor.<sup>20</sup>

A prática da tolerância dos cristãos para com os muçulmanos teve nuances muito diferentes daquela que os povos islâmicos praticaram para com as outras religiões monoteístas. Apesar disso, ela existiu e se manifestou em diversos momentos da convivência inter-religiosa. Situações de diálogo são bem menos comuns, mas também se apresentaram. É de extrema importância ter em mente que os conceitos atuais de “tolerância” e “diálogo” não podem, de maneira nenhuma, ser transportados para a realidade da Península Ibérica medieval. O contexto regional e temporal deve ser levado em consideração, em primeiro lugar.

Acerca dessas questões de convivência e contato inter-religioso, existe uma série de divergências na historiografia peninsular. Um exemplo entre os autores clássicos é a proposta de Américo Castro e de Claudio Sánchez Albornoz: enquanto o primeiro sustentava que a Península Ibérica havia sido um lugar de encontro relativamente idílico entre cristãos, judeus e muçulmanos, com uma forte carga multicultural, o segundo defendia que os laços entre esses grupos haviam sido débeis e que a influência hispana havia prevalecido de maneira determinante sobre a semita<sup>21</sup>. Américo Castro dá um foco especial para a questão da convivência entre as culturas judaica, cristã e islâmica, apontando para o domínio muçulmano como uma circunstância que teria contribuído para o futuro desenvolvimento da Península; já Sánchez-Albornoz enxerga a presença islâmica como um impedimento para a evolução da Hispânia de forma análoga aos outros territórios do Ocidente medieval<sup>22</sup>.

O historiador Horacio Cagni<sup>23</sup> aponta para uma tendência atual na historiografia de exaltar a convivência e o diálogo entre cristãos e muçulmanos, em detrimento dos conflitos. No entanto, segundo esse autor, não se pode mitificar a esse respeito, pois, apesar do intercâmbio frutífero, isso não ocorria com frequência

<sup>20</sup> Ibid, p. 40.

<sup>21</sup> ESTEVEZ, María de la Paz. La España Medieval como espacio multicultural: una reflexión crítica sobre el uso y aplicación de ciertas herramientas conceptuales al estudio de las relaciones interreligiosas em la Edad Media. **Diversidad**, ano 2, nº 3, 2011, pp. 01-24. *Passim*.

<sup>22</sup> ANDRADE FILHO, Ruy. Op. cit. *passim*.

<sup>23</sup> CAGNI, Horacio. Una reflexión sobre las relaciones interculturales e interreligiosas cristiano-islámicas durante la Edad Media. **Diversidad**, ano 2, nº3, 2011, pp. 25-37.

e se dava essencialmente entre as elites. Nas zonas fronteiriças e a nível popular, o conflito teria prevalecido.<sup>24</sup>

María Estevez de la Paz, acerca das relações inter-religiosas, alerta:

(...) así como la convivencia puede bloquear el análisis, su opuesto, es decir la caracterización de las sociedades ibéricas medievales como ejemplos de grupos profundamente intolerantes, también es um obstáculo si pretendemos acercarnos a una realidad cualitativamente más compleja.<sup>25</sup>

A autora considera de grande importância a prática de uma avaliação constante das ferramentas teóricas utilizadas para abordar um problema. Outra prática essencial é a avaliação mais minuciosa dos conceitos utilizados para analisar uma determinada realidade histórica.

Dois conceitos importantes e que precisam ser devidamente diferenciados são os conceitos de “tolerância” e de “diálogo”. O ato de tolerar está muito distante do de dialogar, e é vital para este trabalho que eles não sejam confundidos. Para uma diferenciação inicial, podem-se considerar as definições que constam no dicionário. Enquanto “diálogo” significa “1. Fala alternada entre duas ou mais pessoas; conversação. 2. Troca ou discussão de ideias, opiniões, etc.”; “tolerar” é “1. Ser indulgente para com. (...) 3. *Suportar*”<sup>26</sup>. Pode parecer difícil haver um diálogo sem que haja tolerância, mas é completamente possível tolerar determinados indivíduos sem estabelecer nem mesmo um mínimo grau de diálogo com eles. O que se percebe na Península Ibérica medieval é que, enquanto exemplos de tolerância são facilmente percebidos, é muito mais difícil encontrar situações na qual houve um diálogo inter-religioso efetivo.

Para uma discussão mais específica acerca do conceito de tolerância, é válido considerar o trabalho do filósofo Rainer Forst<sup>27</sup>. Para este autor, os limites da tolerância são controversos e arbitrários, mas ainda assim pode-se estabelecer duas diferentes concepções desse termo: a primeira é a concepção de tolerância como permissão, na qual é permitido que uma minoria viva de acordo com suas crenças desde que a expressão de suas diferenças permaneça no limite do “privado”; a segunda é a concepção de tolerância como respeito, onde existe reciprocidade entre

<sup>24</sup> Ibid. *passim*.

<sup>25</sup> ESTEVEZ, María de la Paz. Op. cit., p. 23.

<sup>26</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 5ª ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 254; 713.

<sup>27</sup> FORST, Rainer. Os limites da tolerância. **Novos Estudos**, nº 84, 2009, pp. 15-29.

as partes tolerantes e uma reconhece a outra, mesmo sustentando visões diferentes em muitos aspectos. Partindo então do pressuposto de que a tolerância é um conceito ambivalente, é preciso determinar que tipo de tolerância existiu no contexto que está sendo abordado.

Nesse sentido, a historiadora Aline Dias da Silveira defende que houve um conceito medieval próprio para a tolerância religiosa. Segundo a autora, Tomás de Aquino apresenta a chave para entender esse conceito na Cristandade do século XIII: suporta-se algum mal para que um mal maior seja evitado. Em outras palavras, uma *tolerância pragmática* <sup>28</sup>, o que de maneira nenhuma representava uma contradição. Aline afirma:

A prática da tolerância existiu na Península Ibérica muçulmana e cristã. Uma tolerância medieval, praticada com pragmatismo para evitar um mal maior, mas que não exclui a possibilidade de reconhecimento do outro como elemento que faz parte de um todo maior, seja nas dimensões do reino ou do monoteísmo. <sup>29</sup>

Rémi Brague discute as possibilidades de um diálogo entre Islã e Cristianismo na Idade Média. De acordo com este autor, a conquista da Península pelos muçulmanos teria contribuído de maneira essencial para “determinar a possibilidade e o desenvolvimento de um diálogo entre religiões” <sup>30</sup>. Em primeiro lugar, a situação peninsular estaria caracterizada por uma assimetria: enquanto que para os muçulmanos os cristãos estariam tanto “dentro” quanto “fora”, no mundo cristão os que seguem a religião islâmica estão somente “fora”. Em segundo lugar é importante ressaltar que em cada um dos dois domínios existia uma “religião dominante” imposta de cima para baixo, pelo líder de cada localidade. <sup>31</sup>

Muitas eram as limitações para que um diálogo pudesse ocorrer. Além da imposição da religião dos dirigentes, havia o problema de comunicação gerado pela diferença de idiomas falados pelos membros de cada fé. O conhecimento que Islã e Cristandade tinham um do outro era também bastante fraco: para muitos cristãos, os muçulmanos eram simplesmente pagãos; para os muçulmanos, o Cristianismo era algo ultrapassado. A literatura polêmica e apologética é geralmente destinada para

<sup>28</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. Op. cit., *passim*.

<sup>29</sup> Ibid, p.136.

<sup>30</sup> BRAGUE, Rémi. **Houve na Idade Média um diálogo entre o Islã e o Cristianismo?** Disponível em: <<http://www.ramonlull.net/comum/arg/houvenaidademedia.pdf>>. Acesso em 20/02/2013.

<sup>31</sup> Ibid. *Passim*.



uso interno, para evitar que aqueles que compartilham a religião do autor abandonem sua fé, não estimulando, assim, a compreensão da posição do outro.<sup>32</sup>

Brague conclui: “Os verdadeiros diálogos entre pessoas reais onde cada um exprimiria em seu vocabulário próprio as suas convicções autênticas são uma exceção. (...) A maior parte o contexto dos diálogos é polêmico. (...) O diálogo é antes um gênero literário mais do que uma realidade”.<sup>33</sup>

Feitas essas considerações, cabe trazer para a discussão o autor que é geralmente apontado como a exceção, e amplamente considerado como o modelo por excelência do diálogo inter-religioso na Idade Média: Raimundo Lúlio. Ele é, sem dúvida, uma figura muito singular e bastante original, mas deve ser considerado em seu tempo, seu contexto e em suas especificidades antes que qualquer afirmação categórica seja feita. Portanto, antes de analisar as possibilidades de um diálogo inter-religioso na obra luliana, faz-se necessário levantar alguns dados biográficos e contextuais sobre o próprio Lúlio.

---

<sup>32</sup> Ibid. *Passim*.

<sup>33</sup> Idem.

## 2. RAIMUNDO LÚLIO

Raimundo Lúlio, ou Ramon Lull<sup>34</sup>, é sem dúvida uma personalidade muito peculiar. Considerado um homem original para seu tempo, gerou opiniões muito divergentes entre seus contemporâneos. Enquanto alguns o consideravam um homem sábio e beato, outros o tomaram por um lunático que estava fora de seu juízo. Somente após sua morte suas doutrinas e seu sistema filosófico foram devidamente reconhecidos. Mesmo assim, Lúlio jamais desistiu ou abriu mão de seus propósitos. A história do maiorquino é profundamente marcada pela paixão com a qual aceitou os desígnios divinos para si e pela dedicação que empregou ao buscar a realização dos mesmos.

Fernando Domínguez considera que, apesar do desenvolvimento que o lulismo experimentou nos últimos decênios, o lamento de Lúlio acerca da falta de compreensão por seus contemporâneos ainda é atual. Para este autor, isso se explicaria pelo caráter singular e insólito do personagem, além de tratar-se de uma personalidade rica, impossível de ser reduzida a esquemas fáceis. Domínguez afirma ainda que “se trata de um escritor marginal de extraña originalidad y difícil catalogación situado al margen de las corrientes intelectuales que han marcado la historia del pensamiento medieval em Occidente”.<sup>35</sup>

### 2.1 Vida e contexto

Raimundo Lúlio nasceu por volta de 1232, na cidade de Palma de Maiorca, localizada na Ilha de Maiorca, integrante do arquipélago das ilhas Baleares. Esse território havia sido conquistado aos muçulmanos apenas três anos antes de seu nascimento, no ano de 1229, pelo rei Jaime I<sup>36</sup>. O pai de Lúlio tomou parte nessa conquista, proporcionando-lhe desde cedo uma proximidade com a família real. Aos

<sup>34</sup> Ramon Lull é a versão catalã original do nome do filósofo maiorquino. Raimundo Lúlio é a versão em português da tradução castelhana de seu nome (Raimundo Lulio).

<sup>35</sup> DOMÍNGUEZ, Fernando. Una introducción a la vida, obra y pensamiento de Raimundo Lulio. **Anuario de Historia de la Iglesia**. Vol. 19, 2010, pp. 383-388.

<sup>36</sup> Jaime I de Aragão nasceu em 1208 e morreu em 1276. Era filho de Pedro II de Aragão e de Maria de Montpellier. Foi rei de Aragão, conde de Barcelona, príncipe da Catalunha e senhor de Montpellier e de outros feudos na Occitânia. Ganhou o título de “o Conquistador” pela conquista e criação dos reinos de Maiorca e Valência.

catorze anos, Lúlio foi escolhido para o cargo de pajem do futuro rei Jaime II, à época uma criança, passando a exercer a função de mordomo do príncipe alguns anos depois.

De acordo com Esteve Jaulent <sup>37</sup>, Lúlio passou sua juventude em convívio diário com judeus e muçulmanos, dadas as condições peculiares dos habitantes da ilha de Maiorca, que era um local fronteiro entre a Cristandade e o Islã. A posse dos territórios conquistados em Maiorca tomou feições diferentes de outros locais ocupados pelos cristãos após a derrota dos muçulmanos. Segundo o autor, o fato de a ilha ter sido tomada com violência e sem negociações provavelmente foi o motivo para não se terem construído as mourarias, como em outros locais da Península Ibérica; ao invés disso a maioria da população muçulmana que permaneceu na ilha se tornou escrava e sem direitos. Os poucos aos quais se permitiu exercer ofícios e trabalhar no comércio não usufruíam de direitos iguais aos dos cristãos e eram vistos com desconfiança. <sup>38</sup>

É importante destacar o contexto específico da ilha de Maiorca, já que Raimundo Lúlio viverá essencialmente neste espaço até os 43 anos de idade. Para Ricardo da Costa, as características culturais singulares de Maiorca imprimiram um tom universalista à obra de Lúlio. Sua formação intelectual e seu ideal político foram forjados nesse ambiente, e sua visão social ganhou grande dinamismo devido às características particulares da sociedade maiorquina. <sup>39</sup>

Como já mencionado, o nascimento de Lúlio se deu em seguida da conquista de sua terra natal por Jaime I. Durante sua infância, a expansão da coroa aragonesa sobre o Mediterrâneo progrediu de maneira grandiosa e, após a tomada de Maiorca, o rei Jaime conquista o reino de Valência entre 1238 e 1245. Outros territórios, como a Sicília, o Norte de África, a Córsega, a Sardenha, a Grécia, etc., passariam a ser objetivos dessa empreitada expansionista. No decorrer do crescimento territorial aragonês em direção ao sul da Península Ibérica, uma grande massa da população muçulmana e judia foi sendo absorvida. Em Maiorca, além de imigrantes de diversas regiões e judeus que atuavam como embaixadores no

<sup>37</sup> Esteve Jaulent é atualmente o diretor do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", e um dos principais estudiosos do filósofo maiorquino no Brasil. Graduado e mestre em Ciências Econômicas pela USP (ambos em 1965), possui experiência na área de Filosofia, com ênfase em Metafísica, Lógica e Filosofia da Linguagem.

<sup>38</sup> JAULENT, Esteve. "Introdução". In.: LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios**. Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>39</sup> COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). **Mirabilia**, nº 1, 2001, pp. 163-172.

Magreb, havia uma população de cerca de 40% de muçulmanos, a maioria escrava. O porto de Maiorca era um espaço estratégico, localizado no centro de grandes rotas marítimas mediterrânicas que se entrecruzavam, proporcionando um grande afluxo de pessoas de diferentes localidades que estavam envolvidas no comércio. Essa diversidade étnica e cultural, favorecida pela conjuntura particular da terra natal de Lúlio, influenciou grandemente o pensamento do maiorquino.<sup>40</sup>

Um evento importante que também exerceu influência sobre o maiorquino foi a querela que se desencadeou entre os irmãos Jaime II de Maiorca e Pedro III de Aragão por questões sucessórias, após a morte de seu pai Jaime I. Apesar de ter se posicionado ao lado de Jaime II, Lúlio não se envolveu diretamente no conflito dinástico que se estendeu por mais de duas décadas. Por certo suas ideias relacionadas ao papel da monarquia e à importância da paz como fator de unidade interna da cristandade foram afetadas pela contenda. Sua visão dos problemas políticos de seu tempo, no entanto, era mais universalista e ampla, acima de particularismos políticos. Lúlio, apesar de influenciado por questões mais locais, geralmente considerava a sociedade cristã como um todo.<sup>41</sup>

Voltando a atenção para a vida do próprio Raimundo Lúlio, cabe destacar que em seus primeiros anos desempenhou apenas suas funções na corte real, seja como pajem ou como mordomo do príncipe Jaime, futuro Jaime II de Maiorca. Com vinte e dois anos, casou-se com Blanca Picany e teve dois filhos, Domingos e Madalena. Sua vida nesse período, em suas próprias palavras, era “frívola e dissoluta”; gostava de compor trovas e envolver-se com as moças da região<sup>42</sup>.

Aos trinta anos de idade a vida de Lúlio passa por uma completa transformação. No ano de 1265, converteu-se subitamente após uma série de visões sobrenaturais nas quais repetidamente lhe apareceu Jesus crucificado. De acordo com a *Vida Coetânia*, uma autobiografia de Lúlio, “o estímulo da consciência lhe ditava que Nosso Senhor Deus Jesus Cristo não desejava outra coisa se não que, deixasse o mundo e totalmente se doasse à sua servidão”<sup>43</sup>. O maiorquino considerou, então, que não poderia fazer nada melhor para servir a Deus do que buscar a conversão dos infiéis à verdade da fé católica, colocando sua vida em risco

<sup>40</sup> COSTA, Ricardo da. Ibid.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> JAULENT, Esteve. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Disponível em: <[http://www.ramonllull.net/sw\\_studies/l\\_br/s\\_vida.htm](http://www.ramonllull.net/sw_studies/l_br/s_vida.htm)>. Acesso em: 18/02/2013.

<sup>43</sup> LLULL, Ramon. **Vida Coetânia**. Tradução: Prof. Ricardo da Costa. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/vidacoetania.pdf>>. Acesso em 18/02/2013.

se necessário. A partir deste momento passou a dedicar sua vida a esses dois grandes propósitos, ou seja, aceitar e preparar-se para o martírio, e dedicar-se à conversão dos infiéis e incrédulos para a fé católica. Sua extensa obra escrita deixa transparecer também essa determinação.

Uma das primeiras ideias de Lúlio para conseguir a conversão dos infiéis era a composição de um livro que combatesse seus erros e equívocos. Em seguida percebe que seus esforços teriam maior valor se pudesse contar com mais pessoas para se unirem a seu intento. Outra ideia que lhe ocorre, tendo isso em mente, é exortar o Papa e os governantes cristãos para que patrocinassem a fundação de mosteiros nos quais alguns religiosos pudessem estudar a língua dos infiéis, para em seguida serem enviados para pregar a eles, visando sua conversão ao cristianismo. O próprio Lúlio se empenhará em aprender a língua árabe com um escravo muçulmano que possuía. Uma de suas primeiras obras, o *Livro da Contemplação*, de 1272, foi escrito primeiro em árabe e em seguida traduzido para o catalão. Por cerca de dez anos se dedicará à tarefa de estudar a filosofia oriental árabe e judaica, em síntese com a escolástica cristã do século XII <sup>44</sup>, para só então se dedicar à defesa da fé cristã.

Os objetivos apologéticos do maiorquino, que eram muito distintos para sua época, serão acompanhados de um método também bastante peculiar, diferente dos geralmente aplicados por seus contemporâneos. Lúlio cria um procedimento único para servir a suas pretensões, que consiste num sistema filosófico e teológico próprio a que chamará de *Arte*. Praticamente todas as suas obras se pautarão por esse sistema.

## 2.2 A *Arte* de Lúlio

Com quarenta anos de idade, Lúlio terá outra experiência muito marcante em sua vida: ao se retirar para o monte Randa com o desejo de entregar-se à contemplação, sua inteligência será poderosamente iluminada por Deus: uma epifania, segundo o depoimento do letrado. A partir desse momento, o “Doutor Iluminado”, título que ganhou após o evento miraculoso, passou a utilizar um método

---

<sup>44</sup> JAULENT, E. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Op. cit.

específico para escrever todas as suas obras. *Arte*, ou *Ars*, foi o nome dado pelo filósofo maiorquino a esse novo método.

A *Arte* de Lúlio pode ser genericamente definida como um sistema de caráter universal que visa o conhecimento do real. Esse sistema, no entanto, está longe de ser simples. O “gênio” catalão, como é considerado por alguns, desenvolveu um método que, além de peculiar, é bastante complexo. Para um estudo mais aprofundado de seu pensamento é necessário localizá-lo contextualmente no que diz respeito ao pensamento geral de sua época.

Por certo não se pode generalizar o pensamento medieval e defini-lo de maneira rápida e simplista. Pode-se, no entanto, destacar algumas das características principais que marcaram o contexto intelectual do século XIII. Uma das mais importantes é a ampla divulgação que a obra de Aristóteles teve nesse período, influenciando grandes pensadores medievais como, por exemplo, Tomás de Aquino. A leitura dos escritos aristotélicos passava, obviamente, por um filtro do pensamento cristão, e recebeu também uma significativa influência das interpretações do filósofo hispano-árabe Averróis. No que se refere à sistematização do conhecimento, a escolástica era o método por excelência utilizado nas universidades e no meio intelectual. O programa aristotélico, com desdobramentos averroístas e escolásticos, amplamente difundido entre diversos pensadores medievais, não será utilizado por Lúlio, que propõe um programa alternativo. Não é que o maiorquino negue absolutamente todos os princípios dessas correntes de pensamento. Ele utiliza alguns conceitos e teorias da ciência aristotélico-escolástica, mas reciclando-os e reelaborando-os. Para Josep Ruiz Simon<sup>45</sup>, o ponto de referência e a condição de possibilidade da *Arte* de Lúlio é o discurso escolástico, e aquela não pode ser compreendida fora desse âmbito.

Apesar das aproximações com o pensamento de seu período, Lúlio foi sem dúvida um pensador único e peculiar. David Knowles e Dimitri Obolensky apontam para um ponto muito interessante no que diz respeito a essa questão. Segundo eles, “quase todos os pensadores do século treze podem ser qualificados dentro do contexto do desenvolvimento normal das escolas, mas alguns personagens nos

---

<sup>45</sup> SIMON, Josep Maria Ruiz. **A Arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2004.

recordam que o espírito medieval não se reduzia a um só e mesmo padrão”<sup>46</sup>. Raimundo Lúlio é sem dúvida um desses personagens.

De acordo com Josep Simon, o filósofo maiorquino tinha a intenção de substituir a ciência aristotélico-averroísta por uma nova ciência que se baseasse em sua *Arte*. Simon parte da premissa de que “a gênese e o significado dessa Arte é incompreensível fora do contexto da interação do Doutor Iluminado em buscar uma alternativa à teoria da ciência de seu tempo”<sup>47</sup>. A busca por uma alternativa dava-se ao fato de que Lúlio queria evitar as “anomalias” da teoria aristotélico-escolástica, sendo algumas delas: “a sua incapacidade para assentar as bases de uma teologia demonstrativa coerente com a filosofia; a sua insuficiência no estabelecimento de mecanismos inventivos que possibilitassem o descobrimento dos princípios das ciências particulares; [e] a sua impotência para dar a essas ciências um fundamento sólido que lhes faça serem algo mais do que mera probabilidade”<sup>48</sup>. Em suma, Lúlio via na ciência aristotélico-escolástica uma defectibilidade teológica e uma deficiência epistemológica. A saída seria a invenção de uma nova ciência que superasse esses problemas, motivo pelo qual o maiorquino via sua *Arte* como totalmente necessária: um método que permitiria a concordância entre teologia e filosofia, além de constituir a teologia como disciplina efetivamente científica.

A primeira versão da *Arte* de Lúlio encontra-se em seu livro *Art abreuçada d'atrobare veritat*. De acordo com Jaulent, nesta obra “Lúlio reduz todos os conhecimentos humanos a um pequeno número de princípios e, depois, mostra todas as relações possíveis que se podem dar entre as ideias, mediante uma combinatória sustentada em figuras geométricas”<sup>49</sup>. Ao longo de sua vida, o filósofo catalão reelaborará e fará algumas modificações em sua *Arte*, buscando tornar mais simples sua compreensão. Sua *Art demonstrativa*, bem como a *Ars inventiva veritatis*, são alguns exemplos dessas reelaborações. A obra que trará a versão final e definitiva da *Arte* é a *Ars generalis et ultima*<sup>50</sup>.

Para melhor compreender o pensamento do filósofo catalão é necessário, primeiramente, destacar algumas de suas principais e mais fortes convicções. Lúlio era avesso a qualquer argumentação baseada em verdades de fé, ou seja,

<sup>46</sup> KNOWLES, David & OBOLENSKY, Dimitri. “A Idade Média”. In: **Nova História da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1974. Volume II, p. 390.

<sup>47</sup> SIMON, J. M. R. **A Arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência**. Op. cit.

<sup>48</sup> SIMON, J. M. R. Ibid, p. 14-15.

<sup>49</sup> JAULENT, E. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Op. cit.

<sup>50</sup> Idem.

argumentações que se apoiassem na autoridade da Sagrada Escritura. Por esse motivo, não vê utilidade em usar as crenças dos infiéis a seu favor, diferentemente de alguns de seus contemporâneos <sup>51</sup>. O maiorquino não busca, portanto, basear-se em *argumentos de autoridade*, mas sim no que chama de *razões necessárias*, ou seja, argumentos puramente racionais, que não poderiam ser rebatidos por nenhum texto revelado. Para ele, mais do que *crer*, era preciso *entender* <sup>52</sup>.

A *Arte* de Lúlio, portanto, além de um sistema argumentativo, constitui uma nova maneira de encarar a realidade. Partindo do pressuposto de que a realidade e a ideia que se faz dela unificam-se no pensamento, já que, quando pensamos, a realidade está contida em nós e nós contidos nela, o filósofo catalão escreverá sua obra sob a luz de nossa presença mental no mundo, do contato permanente que se dá entre o ser do homem e a realidade. Partindo da congruência existente entre a realidade de quem conhece e a realidade do conhecido, Lúlio estabelece que o campo do conhecimento de uma pessoa é definido e limitado por sua realidade. A *Arte* seria, portanto, “um sistema argumentativo intelectual baseado na realidade das coisas que conhecemos e na da pessoa que as conhece” <sup>53</sup>.

Lúlio estabelece uma relação entre o *ser* e o *conhecer*. Suas argumentações partem sempre da ótica do ser, e não das ideias, e seus argumentos se baseiam na observação da realidade e não em ideias pré-concebidas. O filósofo também iguala o Deus da filosofia, o Ser, com o Deus do cristianismo, pois, através das virtudes e dignidades divinas, a realidade do Ser primeiro, que é Deus, mostrar-se-ia ao entendimento humano <sup>54</sup>.

A matéria da *Arte* luliana será, portanto, todo o Ser inteligível, e sua forma será a verdade real. Vale reforçar que esse é um sistema que visa o conhecimento do real. Dessa forma, estará implícito em seu funcionamento que o real é inteligível e alcançável pelo conhecimento humano. O objetivo da *Arte* é o de concluir

---

<sup>51</sup> De acordo com Esteve Jaulent, a Coroa catalano-aragonesa, em seu empenho missionário e apologético, utilizava o tradicional método de condenar seus adversários a partir dos pontos débeis de seus livros ou de suas argumentações. Em 1263, no entanto, ocorre uma inflexão: é o ano da famosa *Disputa de Barcelona*, da qual participaram o mestre Mosé ben Nahman de Girona e o judeu convertido Pau Crestià. Com esse debate, percebeu-se que os mesmos textos defendidos pelos adversários poderiam ser utilizados como argumentos favoráveis aos cristãos. Desde então os missionários e apologetas da Coroa buscarão um estudo aprofundado de textos islâmicos e judeus, com o objetivo de utilizar os argumentos encontrados neles a seu favor. Raimundo Lúlio não seguirá por esse caminho e considerará inútil esse tipo esforço. JAULENT, E. “Introdução”. In.: LÚLIO, R. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios**. Op. cit.

<sup>52</sup> JAULENT, E. “Introdução”. Op. cit. *passim*.

<sup>53</sup> Ibid, p. 20.

<sup>54</sup> Ibid, p. 20-21.



proposições verdadeiras, que dependem da verdade real do objeto fora da mente, ou seja, a “verdade do ser”<sup>55</sup>.

Sinteticamente, a *Arte* de Raimundo Lúlio pode ser definida como:

(...) um sistema argumentativo baseado nas relações necessárias que se dão entre os princípios que constituem a realidade, que, na opinião do maiorquino, são os mesmos – embora em combinações e intensidades diferentes – para tudo o que existe, desde Deus, suprema Realidade, até a realidade mais ínfima. Estas relações obedecem a certas leis ou razões necessárias que permitem fundamentar um modo de argumentar que se apoia na realidade tal como ela é e não nas consistências mentais que a realidade pensada pode oferecer.<sup>56</sup>

Entendido seu método, é necessário partir para a análise de sua obra, na qual é possível ver em ação seu sistema argumentativo que, ao buscar o conhecimento da verdade, será sua forma de demonstrar aos infiéis a superioridade da fé cristã (a única e verdadeira) em relação a qualquer outro credo. Antes disso, cabe dizer, para concluir sua biografia, que Raimundo Lúlio morreu com 84 anos, em 1316, perto das costas de Maiorca, em pleno Mediterrâneo. A causa de sua morte não foi sua avançada idade, mas sim os ferimentos que sofreu ao ser apedrejado em Bugia, no Norte de África, por uma multidão alvoroçada devido a suas pregações públicas. O Doutor Iluminado perseguiu até o fim seus objetivos e conseguiu a realização do que era um de seus principais e mais ousados propósitos, ou seja, receber o martírio.

---

<sup>55</sup> JAULENT, Esteve. **Transcendência e imanência na Ars Iuliana**. CONSECRATIO MUNDI, Festschrift em homenagem a Urbano Zilles, EDIPUCRS: Porto Alegre, 1998.

<sup>56</sup> JAULENT, E. “Introdução”. Op. cit., p. 17.

### 3. O LIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS

Uma das primeiras obras escritas por Lúlio a seguir o método da *Arte*, ainda que de um modo menos esquemático e mais acessível <sup>57</sup>, foi *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, produzido entre 1274 e 1276. Considerado seu texto apologético mais importante, figura entre suas mais de duzentas e cinquenta obras, e integra uma longa tradição de obras religiosas polemizantes <sup>58</sup>. Nele, Lúlio fará uma extensa exposição sobre as três principais religiões monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

O prólogo do livro apresenta a figura de um gentio muito sábio que vivia numa terra distante. Por não acreditar nem em Deus, nem na ressurreição, sua alma estava triste e condoída, e tomado de pavor ao pensar em sua morte e no fim de todas as coisas, não conseguia para de chorar e se lamentar. Teve então a ideia de partir para outro local em busca de refrigério para seu espírito pesado. Eis que chega a uma floresta desabitada, repleta de fontes, animais e belas árvores. Mas mesmo nesse lugar tão paradisíaco, seu desespero não cessava de crescer e tomar-lhe os pensamentos.

Ao mesmo tempo em que isso ocorria ao gentio, três sábios encontraram-se à saída de uma cidade, um judeu, um cristão e um muçulmano. *O Livro do Gentio* diz que os sábios “saudaram-se, reuniram-se e começaram a andar juntos” <sup>59</sup>. Pelo caminho, discutiam amigavelmente sobre a crença de cada um e sobre a ciência que ensinavam a seus discípulos. Tomando o caminho da mesma floresta desabitada, deparam-se com uma mulher montada sobre um cavalo, muito bela e nobremente vestida, que lhes declarou ser a Inteligência. A dama estava junto de cinco árvores cheias de flores nas quais se encontravam alguns escritos. Curiosos, os sábios pedem à Inteligência que lhes explique a natureza e as propriedades das árvores e das flores nelas contidas. Sendo assim, de acordo com a resposta da dama: a primeira árvore possui 21 flores que contém as *virtudes incriadas essenciais* de Deus; a segunda possui 49 flores que contém as virtudes da primeira árvore e as

<sup>57</sup> JAULENT, Esteve. “Introdução”. Op. cit.

<sup>58</sup> COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o *diálogo inter-religioso*. Cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: *O Livro do gentio e dos três sábios* e a *Vikuah* de Nahmânides. In.: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). **A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

<sup>59</sup> LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio**. Op. cit., p. 44.

*sete virtudes criadas*; a terceira árvore tem 49 flores e estas contêm as sete virtudes da primeira árvore e também os *sete vícios* que são pecados mortais; a quarta árvore tem 21 flores que são as sete virtudes criadas e a quinta árvore, por fim, possui 49 flores nas quais estão contidas as virtudes criadas principais e os sete pecados mortais. Algumas das condições para analisar as flores, prossegue a Inteligência em sua explicação, são que se atribua a Deus sempre a maior nobreza na essência, nas virtudes e nas obras; que as virtudes divinas não sejam contrárias umas às outras nem às virtudes criadas; que as virtudes não sejam concordantes com os vícios; etc. No entanto, a condição principal para analisar as flores das árvores, e que resume todas as outras condições, é que haja concordância com um único fim, que é o de amar, conhecer, temer e servir a Deus.

Depois de ter-lhes dito tudo isso, a dama despediu-se e retirou-se. E eis que um dos sábios suspira e diz o seguinte:

– Ah, que grande bem-aventurança seria se através destas árvores todos os homens que existem pudessem estar debaixo de uma mesma Lei e de uma só crença!; que não houvesse nem rancor nem má vontade neles, enquanto hoje se odeiam uns aos outros pela diversidade e pela contrariedade de crenças e seitas! E que assim como há um só Deus, Pai, Criador e Senhor de tudo quanto existe, assim também todos os povos existentes se unissem para ser um povo só no caminho as salvação, e todos juntos tivessem uma só fé, uma só Lei e dessem louvor e glória a nosso Senhor Deus! *Pensai, senhores, disse o sábio a seus companheiros, quantos são os danos que se originam pelo fato de os homens não seguirem todos uma só religião, e quantos são os benefícios que adviriam se todos tivessem uma só fé e uma só Lei.*<sup>60</sup>

Os sábios decidiram então discutir, com base nas flores e nas condições das árvores, sobre o que cada um acreditava. Antes, porém, que pudessem iniciar seu debate, encontram-se com o gentio e percebem seu desconsolo e imenso pesar. Maravilhado com a saudação que os sábios lhe dirigem, referindo-se a Deus e a ressurreição, o gentio então exclama: “se alguém pudesse demonstrar através de razões vivas a existência da ressurreição, poderia afastar de minha alma a dor e a tristeza que se apoderou dela”<sup>61</sup>. Movidos pela piedade, os três religiosos decidem que vão tirar o gentio do erro no qual se encontra, e concluem que o melhor método para fazê-lo seria o indicado pela Inteligência.

<sup>60</sup> LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio**. Op. cit., p. 47.

<sup>61</sup> Ibid. p. 49.

Começa o primeiro livro, e um dos sábios, que não se sabe se é o judeu, o cristão ou o muçulmano, começa a fazer uma longa explanação acerca das virtudes divinas, dos vícios, de como convém ao Ser que Deus e a ressurreição existam, etc. O gentio é então convencido de que Deus existe e que todos ressuscitarão um dia, ou seja, sua vida agora tem um propósito. Ele levanta as mãos aos céus e dirige uma apaixonada oração a Deus, bendizendo Seu nome e demonstrando gratidão pela oportunidade de conhecê-lo. Sua alegria, no entanto, dura somente até o momento que descobre que os sábios não seguem a mesma Lei. “Como? disse o gentio. E não estão os três em uma só Lei, uma só crença?”<sup>62</sup>. Não, pois um é judeu, um é cristão e o outro muçulmano. O desespero do gentio alcança um nível maior que o anterior, pois agora sabe que se não estiver no caminho verdadeiro corre o risco de perder-se eternamente. A saída que encontra é rogar aos sábios que disputem diante dele para que pudesse escolher a fé que mais lhe parecesse verdadeira. Todos entram então em um acordo: começando pelo judeu, seguindo-se o cristão e por último o muçulmano (de acordo com a ordem de surgimento de cada Lei), cada sábio iria discorrer sobre sua crença, sem ser interrompido pelo outro, a não ser se o gentio tivesse alguma eventual dúvida. O método para a disputa permaneceria o mesmo utilizado para provar a existência divina.

No segundo livro, o sábio judeu faz uma exposição detalhada de sua fé. Segue-se então a exposição da Lei do cristão no terceiro livro e, por fim, o muçulmano defende sua fé no quarto livro. O gentio escuta a todos com muito interesse e traz para cada sábio seus questionamentos acerca do que dizem. No epílogo do livro o gentio demonstra que aprendeu e consegue repetir tudo o que lhe foi exposto. Faz mais uma oração em louvor a Deus e à Sua Misericórdia e em seguida manifesta aos sábios seu desejo de dizer-lhes qual Lei escolhera. Os sábios, contudo, despedem-se do gentio e lhe dizem que não querem saber que Lei escolheu. Um deles afirma:

– Este é um assunto para discutir entre nós, a fim de que encontremos, pela força da razão e pela natureza do entendimento, qual é a Lei que poderás escolher. Se, em nossa presença, disseses qual é a Lei que mais amas, não teríamos mais assunto para discutir, nem verdade a descobrir.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Ibid. p. 81.

<sup>63</sup> Ibid. p. 245.

Antes de se despedirem de forma amável e agradável, pedindo perdão uns aos outros caso tenham dito alguma palavra vil contra a lei de seus companheiros, um dos sábios acrescenta:

E assim como temos um Deus, um Criador, um Senhor, tomara tivéssemos uma só fé, uma só Lei, uma única seita, uma só maneira de amar e honrar a Deus, e fôssemos amantes e ajudantes uns dos outros, e entre nós não houvesse nenhuma diferença nem contrariedade de fé, nem de costume. Por estas diferenças e contrariedades, uns são inimigos dos outros e guerreiam e se matam, e somos uns cativos dos outros; e por tal guerra e morte e servidão são impedidos o louvor, a reverência e a honra que devemos dar a Deus todos os dias de nossa vida.<sup>64</sup>

Os três homens decidem então disputar seguindo as instruções da dama Inteligência até que todos tivessem uma única fé e pudessem sair pelo mundo pregando e glorificando a Deus. E assim termina *O Livro do Gentio e dos Três Sábios*, aparentemente sem uma conclusão clara, afinal não se sabe qual foi a decisão do gentio e nem o resultado da disputa dos sábios. De fato, uma leitura apressada e superficial da obra pode gerar esse e outros tipos de observações equivocadas. Um exemplo é considerar que as três religiões apresentadas por Lúlio são postas em um patamar de igualdade, ou que o objetivo do autor em não ter explicitado a opção do gentio seja dar-lhe liberdade para fazer sua escolha. Os propósitos do filósofo catalão são por vezes tidos como ecumênicos, e *O Livro do Gentio e dos Três Sábios* já foi considerado vago em relação a outras obras de Lúlio, nas quais o autor deixa mais claro sua posição. É interessante ressaltar também que esta obra por vezes figura entre os exemplos de diálogos inter-religiosos que teriam ocorrido durante a Idade Média, e, por mais não seja completamente errado considerá-la dessa forma, o peso dessa afirmativa precisa ser relativizado.

Em primeiro lugar, é preciso ponderar que Lúlio é, antes de tudo, um homem de seu tempo, e na sociedade da qual fazia parte não havia espaço para o ecumenismo e para o diálogo inter-religioso da forma como são entendidos atualmente. O primeiro elemento de identidade de um indivíduo, aquele que o fazia pertencer a este ou àquele grupo, era sua orientação religiosa. A religião era um dos mais importantes princípios de legitimidade dos governantes, além de ser provavelmente o principal critério definidor do “outro”, daquele que está “fora” e que

---

<sup>64</sup> Ibid. p. 246.

não pertence a uma determinada realidade social. Por mais respeito que Lúlio demonstre para com as outras religiões, ele continua sendo um cristão convicto, cujo objetivo principal era converter os infiéis à verdade da fé católica.

Os métodos do Doutor Iluminado podem soar contraditórios, mas é preciso analisá-los com cautela. Cabe questionar a fonte em alguns sentidos: *O Livro do Gentio e dos Três Sábios* pode ser considerado como um diálogo inter-religioso? Não seria antes uma disputa fantasiada de diálogo? Quais são os limites desse diálogo na obra de Lúlio e de que maneira ele se apresenta? Que estratégias o maiorquino utiliza para alcançar seu objetivo de converter os infiéis?

Primeiramente, observa-se que, por mais que Lúlio tenha dado voz aos sábios judeu e muçulmano, ele dedica um espaço muito maior para o sábio cristão. Considerando-se somente os capítulos do *Livro do Gentio* nos quais as três religiões são expostas, pode fazer a seguinte proporção aproximada: cerca de 29% do espaço é dedicado ao sábio judeu, 24% ao mulçumano e 47% ao cristão. Obviamente, isso se deu pelo fato de Lúlio compartilhar a fé com o sábio cristão e, portanto, ter muito mais conhecimento acerca desta do que das outras. Mas esse fato pode ser considerado como uma das estratégias de conversão utilizadas pelo autor, já que é do seu interesse realçar o Cristianismo, o máximo que puder.

É importante também observar o papel que o gentio desempenha nessa obra. Ele é o intermediário das falas dos sábios e o personagem de maior destaque na história. Seu papel é fundamental e sua figura é bastante evidenciada ao longo da narrativa. Além de ser um senhor muito distinto e sábio, o gentio demonstra ter o coração aberto às verdades divinas apresentadas por Lúlio. Sua participação no desenrolar dos acontecimentos é bastante ativa, chegando até mesmo a exortar os sábios em determinado momento:

– Ah, senhores sábios! Vós que sois tão beneficiados com os dons da graça, como não sois tomados de piedade de tantos povos que estão no erro e não têm conhecimento de Deus, nem dão graças a Deus do bem que dele recebem? E vós, que Deus tanto honrou sobre as demais gentes, porque não honrais a Deus indo aos povos que o desonram, por não o amarem, nem o conhecerem, nem lhe serem obedientes, nem terem nele esperança, nem temer seu alto senhorio?<sup>65</sup>

Essa é provavelmente a exortação do próprio Lúlio aos religiosos de sua época. Existem outras passagens nas quais o gentio parece incorporar as ideias do

---

<sup>65</sup> Ibid. p. 81.

autor. Não há ingenuidade nas atitudes do gentio. Ele é o instrumento de Lúlio para atingir seus objetivos. Voltemos ao mais primordial deles: convencer os infiéis da inconsistência de suas crenças e provar-lhes a verdade da fé cristã. Nesse sentido o diálogo envolvendo o sábio muçulmano é revelador, pois a atitude do gentio em ralação a ele é muito diferente da maneira como vinha agindo com os outros sábios. Ao judeu, mal se dirigiu; ao cristão, com alguns questionamentos; mas ao muçulmano o gentio dirige diversas perguntas e contra argumentações. Em alguns momentos, corrige sua fala e demonstra seus erros. Em uma passagem na qual o sábio muçulmano tenta provar que Maomé é um profeta enviado por Deus, ele recebe a seguinte resposta:

Respondeu o gentio: – Conforme as flores das árvores e suas condições, segue-se que Deus não envia um profeta contra outro, nem que um negue ou descreia aquilo que outro profetizou de Deus. Ora, como a Lei dos cristãos e a tua são contrárias, por isso é impossível que ambas sejam de Deus. E se o são, convém que as flores da primeira árvore convenham à falsidade contra a verdade, e isso é impossível. Ainda se seguiria, se fosse como dizes, que Deus devesse enviar outro profeta que destruísse o que disse Maomé e ainda que depois enviasse outro, e assim outro até o infinito, até o fim do mundo. E isso é impossível, e contra a sabedoria e a perfeição de Deus. Porque convém que todo mestre tenha amor à sua obra, pelo qual amor sua obra seja perfeita, se em tal mestre têm lugar sabedoria e poder.<sup>66</sup>

Aqui percebe-se a clara intenção de Lúlio em apontar os erros do Islamismo, e é o próprio gentio quem o faz, utilizando-se de argumentação racional, e não de argumentos de fé baseados em Livros Sagrados. Não é necessária a intervenção do cristão. Portanto, a aparente incerteza sobre qual das religiões o gentio teria escolhido é fruto de pouca observação. Sua atitude demonstra que ao longo da narrativa ele tomou sua decisão. E ela é tão óbvia que Lúlio nem precisa se dar ao trabalho de dizer. O silêncio do Doutor Iluminado sobre essa questão tem também um propósito maior. Num dos últimos parágrafos, após terminar sua narração da história do gentio e dos três sábios, Lúlio afirma:

Este livro traz a razão e a maneira de se iluminar o entendimento que está embaçado, a fim de despertar os grandes que dormem e contribuir para o conhecimento e intimidade de familiares e estranhos, ao perguntar-lhes qual Lei lhes parece ter escolhido o gentio para ser agradável a Deus.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Ibid. p. 205.

<sup>67</sup> Ibid. p. 248.

Ou seja, o propósito de Lúlio é estimular o debate, e não colocar o gentio numa posição de liberdade de escolha. Ele deveria optar pela verdade, pelo que racionalmente pudesse ser compreendido a respeito de Deus, e para Lúlio o Cristianismo era sinônimo de tudo isso.

Feitas essas considerações, cabe apontar para as possibilidades e os limites do diálogo inter-religioso na obra luliana. Um desses limites é sua aplicabilidade na vida real. Apesar dos diálogos que o maiorquino buscou demonstrar em sua obra serem absolutamente respeitosos, eles são teóricos e fictícios. É um diálogo inter-religioso que está num plano interno, que não representa uma realidade.

Outra limitação da obra é o fato de o próprio Lúlio ser aquele que dá voz aos sábios judeu e muçulmano. Por mais próximo que tenha procurado chegar do que seriam seus discursos, sua intenção última é utilizá-los para atestar a veracidade do discurso cristão. O conhecimento de cada sábio acerca de sua fé passa necessariamente pelo filtro do pensamento de Lúlio. Provavelmente intelectuais judeus e muçulmanos reais não exporiam sua fé dessa maneira. Pode uma situação como essa ser considerada como um diálogo? Além disso, a clara intenção de Lúlio de converter os leitores infiéis de seu texto dá margem para questionamentos nesse sentido.

É necessário, no entanto, ter muita cautela antes de afirmar que não há nenhum grau de diálogo na obra de Lúlio. Devem-se levar alguns pontos em consideração. Afinal, por que colocar as três religiões conversando quando sua intenção é fazer uma apologia ao Cristianismo num texto de cunho altamente proselitista? Por que não promover um encontro entre o gentio e apenas um sábio, no caso, o cristão? Afinal, o diálogo existe ou não?

Em primeiro lugar, pode-se dizer que o diálogo está presente na forma da narrativa de Lúlio: o gênero literário do *Livro do Gentio e dos Três Sábios* é o diálogo. Em segundo lugar, é importante observar que a forma dialogada da narrativa desse livro tem um propósito, já que a maneira como Lúlio abre espaço em sua obra para a exposição de religiões diferentes da sua faz parte de sua estratégia de conversão. O maiorquino tem a firme resolução de que o combate dos erros e equívocos dos infiéis não precisa ser feito de maneira violenta. Para ele, as soluções dialógicas são, além de possíveis, mais efetivas. Não é o fio da espada que proporcionará o entendimento e a união, e sim a busca pela verdade baseada em



argumentações racionais. Não há problema em dar espaço para outras religiões quando a certeza da verdade do cristianismo é maior.

Além de seu objetivo apologético, Lúlio quer estimular atitudes pacíficas entre as religiões. De maneira muito distinta de seus contemporâneos, o filósofo catalão faz uma apologia ao Cristianismo que não precisa de polêmicas e provocações para atingir seus objetivos. O maiorquino considera que impor à força que os infiéis se convertam não é um bom método. Eles deveriam se converter a partir da pregação e do diálogo. Lúlio tinha certeza que esse era o melhor procedimento e utiliza-se, ainda que de forma estratégica, do diálogo no *Livro do Gentio e dos Três Sábios* para mostrar que essa possibilidade existe.

Resgatando a ideia de Aline Dias da Silveira, que afirmou existir um conceito próprio para a tolerância religiosa no período medieval <sup>68</sup>, é possível traçar um paralelo para o conceito de diálogo inter-religioso. A partir disso, pode-se considerar que, especificamente no *Livro do Gentio e dos Três Sábios*, o diálogo inter-religioso existe, mas de uma forma particular e exclusiva. A conceituação atual de diálogo, que poderia ser resumida em uma aproximação, uma solidariedade, ou um trabalho conjunto visando à paz e ao bem comum, não serve para esse caso. Lúlio não é “solidário” para com os muçulmanos, e nem visa a um trabalho conjunto com estes. Ainda assim, considera de forma respeitosa e tolerante seus diferentes, buscando conhece-los profundamente e tentando, metafórica e literalmente, “falar sua língua”.

É verdade que as pretensões de Lúlio têm seu grau de utopia, considerando-se o contexto no qual viveu. Dificilmente a situação descrita no *Livro do Gentio e dos Três sábios* poderia ter efetivamente acontecido. Apesar disso, a vida e a obra de Raimundo Lúlio demonstram que o pensamento medieval não pode ser reduzido a um único e mesmo padrão, bem como as relações entre cristãos e muçulmanos não podem ser generalizadas apenas como conflituosas. Há espaço para o diálogo, ainda que ele permaneça num plano teórico e literário. Assim, um conceito próprio para o diálogo inter-religioso se refere ao diálogo que era possível no momento.

---

<sup>68</sup> SILVEIRA, Aline Dias da. Op. cit. p. 130.

## CONCLUSÃO

Raimundo Lúlio foi sem dúvida um indivíduo bastante singular, especialmente no que diz respeito às relações entre cristãos e muçulmanos. Ricardo da Costa afirma que “na história dos contatos e disputas entre as chamadas três religiões do Livro, Ramon Llull ocupa um lugar especial e de destaque. (...) Llull é um notável exemplo de tolerância, de busca de uma verdade comum”<sup>69</sup>. Em muitas de suas obras, o maiorquino deixa evidente seu respeito pela cultura islâmica. Seu discurso é atual e tem motivado filósofos e outros estudiosos a buscarem meios de estabelecer um diálogo inter-religioso no presente.

Não é possível, no entanto, analisar o discurso de Lúlio partindo das concepções atuais de “tolerância” ou “diálogo”, conceitos que na Idade Média tiveram suas especificidades. E essas particularidades foram determinadas por diversos fatores, especialmente pelo contexto do período. Praticava-se a tolerância e o diálogo que eram possíveis: uma tolerância pragmática, um diálogo estratégico e teórico. Lúlio é um homem de seu tempo, e por mais que tenha sido extremamente original em comparação com seus contemporâneos, não superou totalmente as barreiras impostas por seu contexto. Em diversos momentos se sentiu sozinho e desprezado, e poucos de seus objetivos foram atingidos.

Ainda assim, Lúlio se manteve firme em seus propósitos. Para Esteve Jaulent, ele era um homem simples, “que viveu de um único pensamento e de um único amor”<sup>70</sup>. Um homem que em todos os sentidos foi uma exceção. Num período no qual o conhecimento acerca do “outro”, tanto dos cristãos quanto dos muçulmanos, era tão fraco, Lúlio procurou compreender profundamente as Leis e doutrinas judaica e islâmica. Num momento no qual a literatura apologética destinava-se quase exclusivamente àqueles que compartilhavam da fé de seu autor, Lúlio escreve (em árabe!) obras destinadas aos muçulmanos. Num tempo em que as disputas e debates públicos eram fortemente marcados pela opressão e pela manipulação, o maiorquino busca a tolerância e o respeito. Num contexto no qual a tolerância para com as diferentes religiosidades era considerada o passo mais

---

<sup>69</sup> COSTA, Ricardo da. Muçulmanos e Cristãos no diálogo luliano. In.: **Anales del Seminario de la Filosofía**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid (UCM), 2002, vol. 19, p. 93.

<sup>70</sup> JAULENT. Esteve. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Op. cit. p. 9.

significativo no sentido de buscar-se uma coexistência pacífica, Lúlio ousa dar um passo à frente e propõe um diálogo.

*O Livro do Gentio e dos Três Sábios* representa esse passo à frente. Essa obra evidencia o enorme conhecimento que o Doutor Iluminado tinha a respeito das fés islâmica e judaica, e demonstra o respeito que cultivava para com aqueles com os quais não concordava e os quais pretendia trazer para sua fé. Por mais que tivesse pretensões apologéticas e proselitistas, não receava dar espaço e voz ao outro, pois sua certeza da vitória da Razão (que para ele representava o Cristianismo) é maior.

É necessário, portanto, ter clareza acerca das especificidades do diálogo inter-religioso presente na obra de Lúlio. Ele é em primeiro lugar um diálogo estratégico, já que as exposições das fés do judeu e do muçulmano visam demonstrar seus erros e atestar a veracidade da fé cristã. Mas é também o diálogo possível para o período no qual viveu o filósofo maiorquino. Na sociedade medieval, especialmente na Península Ibérica, onde a religião era o principal elemento definidor de identidades, não havia espaço para ecumenismos. E nem o há no *Livro do Gentio*. Há espaço, no entanto, para o respeito e para a consideração, que são as bases do diálogo luliano.

Não há dúvidas de que Raimundo Lúlio definitivamente não representava a tradição do pensamento filosófico ocidental. Sua originalidade, no entanto, mostra que o pensamento medieval não pode ser generalizado e padronizado. Mesmo no contexto conflituoso da Península Ibérica do século XIII, houve espaço para praticar a tolerância e para pensar o diálogo, ainda que esse diálogo tenha existido primordialmente como um gênero literário, e não como uma realidade. Apesar de todos os empecilhos e barreiras, para Lúlio, que sempre colocava tanta paixão em tudo o que fazia, o diálogo constantemente foi uma escolha, e sobretudo uma possibilidade.

## REFERÊNCIAS

### Documentação:

LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios**. Tradução do catalão, introdução e notas de Esteve Jaulent. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LLULL, Ramon. **Vida Coetânia**. Tradução: Prof. Ricardo da Costa. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/vidacoetania.pdf>>. Acesso em 18/02/2013.

### Bibliografia:

ANDRADE FILHO, Ruy. **Os muçulmanos na Península Ibérica**. São Paulo: Contexto, 1989.

ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. São Paulo: Objetiva, 2001.

BRAGUE, Rémi. **Houve na Idade Média um diálogo entre o Islã e o Cristianismo?** Disponível em: <<http://www.ramonllull.net/comum/arq/houvenaidademedi.pdf>>. Acesso em 20/02/2013.

CARDINI, Franco. Nas raízes do encontro-desencontro entre Europa e Islã: um profeta e três continentes. **Signum**, nº 3, 2001, pp. 37-59.

CAGNI, Horacio. Una reflexión sobre las relaciones interculturales e interreligiosas cristiano-islámicas durante la Edad Media. **Diversidad**, ano 2, nº3, 2011, pp. 25-37.

COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). **Mirabilia**, nº 1, 2001, pp. 163-172.

\_\_\_\_\_. Ramon Llull (1232-1316) e o *diálogo inter-religioso*. Cristãos, judeus e muçulmanos na cultura ibérica medieval: *O Livro do gentio e dos três sábios* e a *Vikuh* de Nahmânides. In.: LEMOS, Maria Teresa Toribio Brittes e LAURIA, Ronaldo Martins (org.). **A integração da diversidade racial e cultural do Novo Mundo**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

\_\_\_\_\_. Muçulmanos e Cristãos no diálogo Iuliano. In.: **Anales del Seminario de la Filosofía**. Madrid: Universidad Complutense de Madrid (UCM), 2002, vol. 19, pp.67-96.

COSTA, Ricardo da; LEMOS, Tatyana Nunes. “Com ferro, fogo e argumentação”: *Cruzada, conversão e a Teoria dos dois Gládios* na filosofia de Ramon Llull. In.: BLASCO VALLÈS, Almudena; COSTA, Ricardo da. **Mirabilia**, nº 10, 2010.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2011.

DOMÍNGUEZ, Fernando. Una introducción a la vida, obra y pensamiento de Raimundo Lulio. **Anuario de Historia de la Iglesia**. Vol. 19, 2010, pp. 383-388.

ESTEVEZ, María de la Paz. La España Medieval como espacio multicultural: uma reflexión crítica sobre el uso y aplicación de ciertas herramientas conceptuales al estudio de las relaciones interreligiosas em la Edad Media. **Diversidad**, ano 2, nº 3, 2011, pp. 01-24.

FERNANDES, Fátima Regina. "Cruzadas na Idade Média". In.: MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLETCHER, Richard. **Em busca de El Cid**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FORST, Rainer. Os limites da tolerância. **Novos Estudos**, nº 84, 2009, pp. 15-29.

GARCIA, Cristóbal Cuevas. **El pensamiento del Islam**: Contenido e Historia. Influencia em la Mística española. Madrid: Ediciones Istmo, 1972.

GUICHARD, Pierre. "Islã". In.: LE GOFF, Jacques (Org.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru; São Paulo: EDUSC: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, vol. 1, pp.633-649.

GUIMARÃES, Marcella Lopes (Org.). **Por São Jorge! Por São Tiago!** Batalhas e narrativas ibéricas medievais. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JAULENT, Esteve. "Introdução". In.: LÚLIO, Raimundo. **O Livro do Gentio e dos Três Sábios**. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Raimundo Lúlio: um único pensamento e um único amor**. Disponível em: <[http://www.ramonlull.net/sw\\_studies/l\\_br/s\\_vida.htm](http://www.ramonlull.net/sw_studies/l_br/s_vida.htm)>. Acesso em: 18/02/2013.

\_\_\_\_\_. **Transcendência e imanência na Ars Iuliana**. CONSECRATIO MUNDI, Festschrift em homenagem a Urbano Zilles, EDIPUCRS: Porto Alegre, 1998.

KNOWLES, David & OBOLENSKY, Dimitri. "A Idade Média". In: **Nova História da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1974. Volume II

MANTRAN, Robert. **A expansão muçulmana**: séculos VII-XI. Tradução de Trude von Laschan Solstein. São Paulo: Pioneira, 1977.

MERCANT, Sebastià Trías. Judíos e cristianos: la apologética de la tolerancia en el "Llibre del Gentil". **Revista Española de Filosofía Medieval**, nº 5, 1998, pp. 61-74.

MEREU, Italo. **Storia dell'intolleranza in Europa**. Milão: Gruppo Editoriale Fabbri, Bompiani, Sonzogno, Etas S.p.A., 1988.

NUNES, Danielle Werneck; COSTA, Ricardo da. As funções sociais e políticas do bom cavaleiro no *Livro da Ordem de Cavalaria* (c.1279-1283) de Ramon Llull (1232-1316). In.: PASTOR, Jordi Prado. **Mirabilia**, nº5, 2005.

PASTOUREAU, Michel. "Símbolo". In.: LE GOFF, Jacques (Org.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru; São Paulo: EDUSC: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, vol. 2, pp. 495-510.

POLIAKOV, Léon. **De Maomé aos marranos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVEIRA, Aline Dias da. "Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X". In.: FERNANDES, Fátima Regina (coord.). **Identidades e Fronteiras no Medieval Ibérico**. Curitiba: Juruá, 2013.

SIMON, Josep Maria Ruiz. **A Arte de Raimundo Lúlio e a teoria escolástica da ciência**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2004.

SOUZA, Guilherme Queiroz de. Da Reconquista Hispânica à Conquista do Novo Mundo: uma análise do espírito cruzadístico ibérico na *crux cismarina* e na *crux ultramarina*. In.: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 10, JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS ANTIGO E MEDIEVAIS, 2, 2011, Maringá. **Anais da Jornada de Estudos Medievais**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2011, pp. 1-16.

WATT, William Montgomery. **Historia de la España Islamica**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.